

LITERALIDADE, ESCRIVIVÊNCIA E A MEMÓRIA COLETIVA NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: MARCAS DO REAL

Wagner Santos Araujo (UNESP - ARARAQUARA)

Orientador: Paulo Cesar Andrade da Silva (UNESP – ARARAQUARA)
PPGELI – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

RESUMO

O presente artigo corresponde às impressões iniciais da pesquisa de doutorado acerca do universo narrativo de Conceição Evaristo. Tem por objetivo promover uma reflexão sobre o processo de literalidade da obra enquanto instância plurissignificativa no processo de condução de um fazer realístico particular em suas narrativas. A partir das contribuições teóricas de Halbwachs (2006) sobre o conceito de memória coletiva, a pesquisa visa relacionar a escrita da autora em seu processo de escrevivência e literalidade com as instâncias mediadoras do real. Desta feita, o conceito de memória coletiva nos garante perceber nas narrativas ficcionais, mediada pelo tratamento da linguagem utilizada, os matizes representativos do sofrimento e das violências voltadas ao povo negro, sobretudo, das mulheres negras – personagens recorrentes na escrita de Evaristo. Tais aspectos poderão ser percebidos a partir da análise dos contos *Olhos d'água*, *Ana Davenga* e *Maria* e do romance *Ponciá Vicêncio*, os quais encurtem ao leitor diferentes modos do sentir e apresentam, enquanto temática, elementos voltados à escravidão, tal como subalternidade, violência e consciência. Por meio do olhar analítico decolonial, que compreende a importância do passado, mas o lê sob um olhar euro descentralizado e pelo pensamento de Stuart Hall (2020) no que rege as identidades, o artigo visa explicitar as reflexões dessa fase inicial da pesquisa.

Palavras-chaves: Literalidade. Realismo. Memória Coletiva Representação. Feminino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever literatura é uma tarefa um tanto quanto complexa. Escrever sobre literatura é colocar em relevo essa complexidade para a partir desse ponto traduzir intencionalidades, explorar metáforas e reconhecer os bens culturais manifestados em palavras. Palavras essas que ganham significados e se ressignificam na interação com outro, pelo outro e principalmente com outro, pois ler é dialogar em passos largos com a possibilidade de reconhecer o que esse outro (o autor) se propõe a dizer pelo dito (o enunciado em sua dimensão objetiva) e pelo não dito (os implícitos que nos orientam pela subjetividade e pela experiência de leitura de mundo).

Esse artigo se propõe a fazer esse percurso: por meio da literalidade “conjunto de características específicas (linguísticas, semióticas, sociológicas) que permitem considerar um texto como literário”. (Cf. Dicionário Eletrônico Houaiss), compreender os marcos de cognição social presentes em três contos de Conceição Evaristo de seu livro “Olhos d’água” e do romance *Ponciá Vicêncio*. Para tanto, nos valeremos dos pressupostos teóricos de Halbwachs (2006), Stuart Hall (2020) e a fortuna crítica referente à decolonialidade e o conceito de devir e das diferentes instâncias teóricas sobre a ideia de realismo na contemporaneidade. Desta feita, se propõe evidenciar as instâncias do real presentes nos contos “Olhos d’água – que dá nome à obra, “Ana Davenga” e “Maria” e do romance *Ponciá Vicêncio*, a fim de depreender do discurso literário os elementos que atualizam a noção de permanência do pensamento escravista, no que rege violências, a subalternidade e a estereotipação dos corpos negros femininos.

Os três contos e o romance apresentam três elementos significativos para compor parte da percepção de mundo da autora e, conseqüentemente, a identidade imagiada: a negritude, o ser mulher e a pobreza. Sob essas categorias, o presente estudo buscará compreender, por meio da metodologia teórico-analítica, as marcas do real e identificar os marcos de cognição sociais, compreendidos como fundamentais para se conhecer, e reconhecer o seu passado matriz, (fundador) e assim compreender seu presente. Assim, parte-se do princípio de que toda cognição social é avaliativa nas suas implicações, uma vez que sempre existe alguma forma de envolvimento afetivo entre quem percebe e quem é percebido enquanto fruto de continuidades e de pensamentos voltados a um imaginário que coloca a condição da mulher negra, sempre atrelada ao sofrimento, objetivação dos corpos e subalternidade.

Desta feita, o questionamento a partir dessa perspectiva teórica se faz sobre qual o papel da ausência de saberes no nível da consciência do agente durante o processamento da informação, ou seja, a importância de se conhecer o passado a fim de perceber na contemporaneidade sua existência, não a repetição de um modo de ser e agir, pautado em achismos ou estereótipos. Tal abordagem será compreendida, nesse trabalho, enquanto história (gênese dos comportamentos, dos estereótipos e da avaliação do presente). Por fim, objetiva-se também propor um projeto de ressignificações capaz de descrever, ainda que de modo incipiente, os efeitos de sentido e os efeitos sentidos enquanto produto de um tipo de leitura que, de antemão, pode-se dizer realista e transformadora.

CONCEIÇÃO EVARISTO: A MULHER NEGRA QUE FAZ LITERATURA.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com

a tese “Poemas malungos, cânticos irmãos” (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

A origem humilde da autora pode nos dizer muito sobre sua escrita, mas não podemos pautar o estudo de sua obra debruçados somente a esse aspecto, pois temos, pesquisando em seu *curriculum lattes*, bem como no site Literafro, em suas palestras e participações em eventos literários, no geral, dimensões acadêmicas que a colocam em outro patamar e nos oferece meios para compreender seu processo criativo. Esse, passa a ser a junção da experiência de vida da autora, orientada por um saber construído (formação acadêmica), capaz de transformar ou mesmo romper estigmas característicos de estereótipos acerca de uma pseudo literatura realista que apenas promove o espelhamento da experiência vivida ao texto literário, construindo assim um produto autobiográfico com características do texto jornalístico, da crônica ou mesmo do texto auto ficcional que se vale da experiência não vivida, mas compreendida como real.

Assim, não podemos destacar a experiência humilde como marca determinante desse realismo presente em seus contos, mas a potência dessa experiência no processo de construção e desconstrução de fios condutores de um realismo particular, caracterizado por uma literalidade que foge das dimensões do século XIX e que não só o potencializa enquanto marca, mas o evidencia enquanto discurso, o que nos permite inferir a junção de duas *personas* que dialogam no tocante do fazer literatura: a escritora que viveu e conhece a realidade que descreve em seus textos, sobretudo nos textos escolhidos para compor esse trabalho, e a escritora que, consciente de seu papel acadêmico e sua posição sobre a ciência literária, o ressignifaz.

Sua essência literária se constituiu pela experiência e pela influência de histórias narradas e herdadas no âmbito familiar, mas ao longo de sua trajetória de estudos, de ocupação de espaços, atrelamos à essa essência, a *persona* que galgou lugar no meio editorial, no meio acadêmico e que se ressignifaz enquanto escritora negra, de formação acadêmica e que, por conhecimento de sua área de atuação, faz literatura distanciando-se e ao mesmo tempo se aproximando das experiências vividas. Esse movimento vislumbra aspectos de sua literalidade, ao passo que ainda é cedo para compor e evidenciar sua poética em si, pois não é o foco dessa reflexão. Todavia, já é possível atestar que se trata de uma escritora consciente do seu fazer transformador mediado por uma escrita realista, poética e profícua de significados que fogem de estereótipos, de militâncias, mas que não ignoram a realidade violenta, os marcos de cognição equivocados (que compõem rasos imaginários sobre ser negro no Brasil) e o preconceito instaurado na sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que o realismo tratado no romance e nos contos analisados se configura no que se denomina novo realismo que está mais preocupado em representar aspectos sociais que constituem a vida de uma comunidade – e não apenas de um único sujeito –, e que possam extrapolar a dimensão do universo ficcional. O que permite compreender que o jogo representativo se dá em três movimentos: realidade-ficção-realidade.

Nesse contexto, os dois traços apresentados por Schollhammer (2009) estão em um jogo de representação que vêm da realidade social (coletiva) para o subjetivo do autor e retorna à realidade social (coletiva), ou seja, a demanda de presença se constitui como reinvenção do realismo para se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade (social e cultural). Os dois traços se complementam e auxiliam a narrativa para que ela não se feche em si, mas permita que a partir dela outras reflexões sejam feitas.

Diferentemente do realismo do final do século XIX, o novo realismo enxerga o espaço periférico que representa a sua realidade, não mais pautados nos princípios e na visão da burguesia, mas com uma estética própria, que podemos hipoteticamente atribuir à escrevivência, em que as narrativas de corpos negros femininos não apenas evidenciam uma realidade de dor e sofrimento, mas também elucidam dor e sofrimento mediados por linguagem, história, ancestralidade e poeticidade, pois se vale do sentir para trazer à tona a realidade e mobilizar atenção, reflexões e sentimentos.

AS TEMÁTICAS DAS NARRATIVAS DE EVARISTO: SUBALTERNIDADE, VIOLÊNCIA E CONSCIÊNCIA

Antes de expormos as temáticas presentes nas narrativas de Conceição Evaristo, -foco da análise proposta nessa investigação - faz-se necessário relacionarmos os contos selecionados do livro *Olhos d'Água* e o romance *Ponciá Vicêncio* com o conceito de *Devir* de Deleuze e Guattari. Tal procedimento se faz necessário à medida em que esse conceito orienta a compreensão das narrativas, no que diz respeito à transformação e à mudança das personagens e da trama que passam pelo crivo da repetição. Em primeira instância, é por meio do conceito de *Devir* que compreendemos o aspecto presente nas narrativas analisadas: permanência mutável mediada pelos princípios de alteridade, sororidade e empatia.

François Zourabichvili, em sua conferência: “O que é devir para Gilles Deleuze? Afirma que “*Devir*” “é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações.” Segundo o autor, o homem não muda a sua identidade pois sua memória é permanente e carregada de tudo que foi vivido e que, embora o corpo envelheça sem metamorfose, o *devir* significa que os dados mais familiares da vida humana mudaram de sentido e que o todo é repetido de outro modo. E o que isso tem a ver com as narrativas de Evaristo?

A resposta é simples: a condição humana da mulher negra descrita por Evaristo em seus textos é a repetição de um todo de outro modo, da relação da escravidão, da negligência, de corpos objetivados, da subalternização dos corpos femininos, etc. Sob essa perspectiva, vemos essa instância do todo repetido de outro modo no conto “Olhos d’água”, em que a narradora em terceira pessoa é negra e que desconhece a cor dos olhos de sua mãe.

As lembranças das brincadeiras, do choro da mãe em situação de pobreza e essas memórias carregadas de sentimentos, fazem com que ela não consiga lembrar a cor dos olhos da mãe, que foi em toda sua vida escondida pelas lágrimas de sofrimento. Mesmo em momentos de alegrias, no silêncio, eram olhos d’água, mas não translúcida como a água deveria ser, mas uma água que ofuscava de alguma forma a cor em particular daqueles olhos de mãe, e por não evidenciar essa particularidade, enunciava a não cor de um coletivo que não poderia se posicionar enquanto seres provindos de uma identidade singular, mas de uma identidade coletiva enraizada nas matrizes da história de escravidão: sem direito, sem berço, sem respeito e sem papel social, a não ser servir a casa grande como amas de leite ou aos senhores como escravas também sexuais, sem nunca poder levantar a cabeça, ou seja, o seu olhar para enxergar além da terra que compõe o chão.

Essa não cor, evidencia a negra no não lugar, logo, não ter esse aspecto evidenciado no olhar é reconhecer que pouco ou nada se via de sua alma, de sua trajetória e de sua história de luta, a não ser a dor, em olhares que não pudessem expressar esperança, vontades e felicidade.

Outro aspecto da repetição do todo, está presente no conto “Ana Davenga”. Essa personagem representa a mulher submissa a um homem influente nas transações criminosas do morro e que, por esse *status* a colocava na condição de mulher de respeito, não porque seu comportamento por si só

representasse essa relação, mas porque era propriedade do chefe do morro. Essa relação de propriedade é narrada pela forma como Ana se deixa entregar às vontades e determinações de Davenga. O seu nome atrelado ao dela, representa essa relação de posse, marca da nossa cognição: a mulher passar a ter o nome do marido, travestido no tempo contemporâneo como uma forma de garantir direitos, mas que em sua raiz, carrega o sentido de posse e objetivação.

O final de Ana é trágico, como se não pudesse existir outro fim a não ser esse, dada pela relação de submissão, do *status* e pela condição a ela atribuída: mulher de malandro não tem outra escolha a não ser obedecer e seguir seus mandos e desmandos- realidade que se repete até hoje em comportamentos machistas de homens brancos ou negros que julgam ser donos em função do gênero e todos os atributos que o determinam como tal: forte, com direitos socialmente conquistados e legitimados pela sociedade patriarcal advinda do período colonial, bem como a honra e a relação de posse.

No conto “Maria”, a violência também é uma condição presente no cenário pelo qual a narrativa se desenvolve. A violência se repete, o linchamento é o destino daquela empregada doméstica que estava no lugar errado (no ônibus), na hora errada (quando o pai de um de seus filhos e outro bandido assaltam o ônibus em que ela estava presente). Ela só estava voltando para casa, com a sacola cheia de frutas e restos de comida doados pela patroa. Era um dia em que ela cansada, precisava voltar para casa de ônibus já que as sacolas estavam pesadas. Não levam nada dela, porque o ex companheiro disse para poupá-la do assalto ao companheiro de crime, mas as pessoas do ônibus, sem conhecer a história, sem conhecer a relação que ela tinha com o ex a executam, a matam em um linchamento porque achavam que Maria era cúmplice daquele delito e nesse momento, homens e mulheres ignoram o gênero em sua diferença física (homens e mulheres a espancam até a morte), intensificam assim a diferença social e física. Ninguém quiz saber do que acontecia, não importava o motorista dizer, era o sentimento de vingança que falava mais alto.

São diferentes as formas de linchamento na contemporaneidade e a lógica é sempre a mesma: primeiro batem, ofendem, matam e depois perguntam quem é. A violência vem antes do diálogo e da compaixão e esse aspecto é narrado por Evaristo e nos coloca em choque com uma realidade repetida inúmeras vezes nos contextos periféricos do país.

Sobre o *devir*, é importante considerar que essa paradoxal ideia do todo repetido de outro modo, que pressupõe mudança, implica, em segunda instância a um encontro, ou seja, algo ou alguém não se torna si mesmo a não ser em relação com outro, ainda que dependa do estatuto que concedemos a esse mundo exterior sem o qual alguém ou algo não sairia de si. Em síntese, o conceito de *devir* explorado nessa análise é aquele encontro que, dentre as diferentes instâncias humanas e inumanas, privilegia a instância da alteridade, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro e assim se encontrar e se enxergar no outro.

Devir também é aprendizagem e, nesse sentido, os contos nos fazem aprender a nos colocarmos no lugar do outro, a sentirmos a dor, a nos solidarizarmos com as práticas sociais marcadas por machismo, preconceito, violência e posse. A relação do leitor com cada personagem feminina descrita nessas narrativas, embora encontrem consonâncias na dimensão do coletivo, trazem aspectos da individualidade que rompem, ainda que provisoriamente, a ideia de normalidade e nos obriga instaurar, na relação com outro, sentimentos que permeiam a ideia de pena, piedade e indignação.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a questão da repetição se dá ao atributo do sobrenome de Ponciá. Assim como Davenga, ela é subalternizada pela predicação do sobrenome atribuído a ela

contra a sua vontade. Diferente das outras personagens, Ponciá tem consciência disso e busca dar um novo sentido para sua vida, rompendo, assim a condição herdada pela sua ascendência: servidão, violência, estigmas e estereótipos.

No romance *Ponciá Vicêncio*, o discurso de consciência está presente por toda narrativa. Fato esse que nos faz compreender - a despeito da herança, do compromisso de não esquecer e de não se permitir esquecer sua memória atrelada ao lugar dos afazeres das peças de barro, do cuidar da roça e das atividades domésticas. Percebemos a existência de uma *persona* a qual Ponciá deseja se afastar e com isso romper o ciclo escravagista que ainda se faz presente, desejando assim, não dar continuidade a uma saga que para ela (Ponciá) é de derrota, vergonha e dor. Essa mesma percepção aparece em outros momentos na figura do irmão que também abandona a vila em direção à cidade e da mãe que em seguida segue o mesmo percurso de busca. Cada qual no seu tempo, guiados por suas percepções de tomada de consciência, de modo a garantir a compreensão de si, ainda que toda a dinâmica de trabalho serviçal e as relações de poder e subalternidade sejam recorrentes e se materializem, no tempo presente, de outras formas discursivas. Evaristo consegue fazer com que o leitor sinta e saia diferente a cada leitura, suas narrativas são uma espécie de simulacro e sobre esse aspecto, Baudrillard atesta de que:

o que toda uma sociedade procura ao continuar a produzir e reproduzir, é ressuscitar o real que lhe escapa. É por isso que esta produção material é hoje, ela própria, hiper-real. Ela conserva todas as características do discurso da produção tradicional, mas não é mais que a sua refração desmultiplicada. Assim, em toda parte o hiper-realismo da simulação traduz-se pela alucinante semelhança do real consigo próprio. (BAUDRILLARD,1991)

Dessa forma, Evaristo evidencia em suas narrativas uma realidade que se reproduz, mas que se particulariza e ganha dimensões únicas marcadas, sobretudo, pela forma como o leitor é conduzido pela descrição particularizante que permite a esse leitor o poder de mudar a forma de enxergar o outro, mesmo que esse outro seja a si mesmo, em um processo de identificação ou de consciência sobre a realidade hiper-realista presente nos contos e no romance analisados. Essa identificação pode ser uma simulação acerca do outro, mas o efeito de sentido causado é de que esse outro é a Maria, a Ana, é a mãe, a filha, Ponciá, mas fora da narrativa é a vizinha, a prima, a mãe, a irmã, a professora que sofrem violências, sejam elas físicas ou simbólicas.

INSTÂNCIAS DO REALISMO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

As narrativas dos contos de Evaristo trazem consigo características realistas, pois a autora consegue estabelecer a relação íntima entre situações conhecidas por todos com as dimensões de literalidade, pois esse realismo, embora em alguns momentos desperte no leitor reações de revolta, dor, os elementos que a compõem dão relevo à instância plurissignificativa dos sentidos ali narrados e descritos. Tais sentidos são capazes de tornar o real na obra de Evaristo em uma instância poética do sentir, caracterizando assim o realismo de Evaristo como um novo realismo cujas matrizes estão em um passado que não apenas evidencia o ponto de vista da escritora negra, cuja realidade em cor, bem como sua experiência a colocam no lugar privilegiado e legitimado da narração, mas como porta voz de vozes de um coletivo ancestral, feminino que clama por mudanças.

Pode-se assim dizer que o realismo de Conceição Evaristo não é um realismo planejado, nem negado, mas vivenciado - aspecto que vai ao encontro do que a própria autora define e caracteriza sua

escrita - escrevivência – neologismo que junta ao ato de escrever a vivência – a ficção e a vivência, logo, a memória:

Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, contínuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (Evaristo, 2011)

Trata-se de um tipo de realismo que tange também a relação entre a verossimilhança, objetividade e a descrição como marcas do real e aqui referenciado como clássico da tradição do século XIX relacionado àquele movimento estético literário de origem francesa cujo marco temos a obra de Gustave Flaubert– *Madame Bovary* e que no Brasil temos como principal característica a oposição ao movimento artístico anterior, o Romantismo.

Nesse sentido, ele se opõe à idealização amorosa - os realistas representavam figuras humanas profundas, que fugiam dos estereótipos de herói, da amada ou do vilão, típicos dos românticos, mas incutiram outros modelos de estereótipos capazes de aproximar o leitor a tipos muito comuns da sociedade, em espaços comuns, como cortiço, pensão, etc. Outro aspecto característico é a negação/refutação da perspectiva egocêntrica comum na segunda geração do romantismo que é substituída por um olhar mais objetivo possível, buscando representar a realidade de modo impessoal ou crítico, sempre afastando o olhar apaixonado dos objetos retratados. Assim, pode-se afirmar, conforme a leitura dos contos e do romance de Conceição Evaristo, de que se tratam de narrativas contemporâneas realistas que se distanciam do modelo romântico, mas que inovam a percepção realista tratada pela tradição.

Sob tais características temos o realismo “evarístico” marcado pela instância da vivência e pelo domínio e uso adequado da linguagem. Temos assim, um realismo pós-moderno cuja marca é a exposição do real construído por elementos de literalidade e o destaque aos espaços periféricos com personagens que não são representativos dos mesmos estereótipos marcados pela tradição realista acerca do determinismo ou descrição limitadora. Todavia, temos personagens reais de vivências, cujo universo, remete ao discurso fundador da escravidão, da objetivação dos corpos negros femininos e a reflexão sobre a retomada desse passado “novo”, ou seja, re-contextualizado no individual (a narrativa particular das personagens de Conceição Evaristo) para promover a reflexão do coletivo e uma gama de representações e identificação acionadas pela memória.

Sobre a questão da memória, Halbwachs (2006) defende que somos contaminados pela memória do outro e pela forma como essa memória é passada enquanto tradição. Nesse sentido, podemos entender que o sujeito isolado do mundo não consegue ter memória individual e não teria assim como existir. Para o autor, a memória individual só se constrói pela memória coletiva e o sujeito que não consegue dizer o mundo, é o sujeito que desconhece a interação e a importância do outro na formação da representação individual sobre os fatos e sobre a própria história que só se constrói mediada pela coletividade. Esse pressuposto justifica a necessidade da linguagem para materialização da representação dessa memória, pois sem a linguagem a memória não poderia ter a sua materialidade representativa e simbólica, o que nos faz evidenciar as representações simbólicas presentes nas narrativas de Conceição Evaristo, validando o *status* de narrativas realistas ou com marcas do real, em fluxo constante do passado revisitado e as ações resultantes dele, sob nova roupagem.

No conto “Olhos d’água” a metáfora desses olhos de lágrimas carrega temas sociais profundos: a fome, a dor, a tristeza, bem como o apagamento dessa representação fisiológica da cor dos olhos, como se o negro, no caso, representada pela narradora negra, não pudesse ter a cor dos olhos expostos, pois eles não estão ali para serem apreciados, nem para enxergar, já que o horizonte não era para ser visto pelo negro, mas o chão, pois a relação de subserviência, marcada pela tradição escravocrata da cognição social que rege o imaginário e as categorias de poder, exigia olhar para baixo, pois a cabeça baixa representava obediência. Os olhos não enxergam, mas transbordam lágrimas de dor, sofrimento, tristeza – elementos que tornam a água salina das lágrimas em algo turvo, águas turvas.

Em “Ana Davenga” vemos a descrição do encontro enquanto um ato real, característico do ato típico da ação de encontrar, como uma das marcas do realismo presente na narrativa de Evaristo, cujo tom, aciona o leitor para aquele espaço descrito:

Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém, que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. (EVARISTO, 2016, P.25)

Temos nesse trecho a construção de imagens realistas, no sentido de que é possível reconhecer o tema encontro, mas construído por elementos comparativos que trazem à descrição realista, um ar poético capaz de despertar no leitor a ideia de paixão despertada por parte de Davenga por Ana. Embora fique evidenciado sua representação, por meio das ações a ele atribuídas (assaltante, assassino, etc.), nesse momento percebemos a instância do homem que é capaz de se apaixonar e ser levado por esse sentimento. No relato, vemos comparações do universo da arte, da dança “bailarina nua”, bem como evidencia a coragem para se chegar até Ana superior à coragem de fazer um serviço (cometer um crime).

Mais adiante vemos outro aspecto descrito pela autora que evidencia a literalidade como elemento fundamental de sua obra, pois observa-se aspectos de cunho social - o espaço narrado por ela, é um espaço que traz ao universo de leitura de mundo, uma concepção de mundo triste, desprovida de afeto e, sobretudo, marcado pela violência. Todavia, tais aspectos são apresentados de modo em que a realidade ali descrita, embora dialogue com realidades conhecidas socialmente, percebemos a potência - marca da consciência, do ato de viver como uma permanente tentativa.

Percebemos assim, o rompimento de estereótipos que se vale de instâncias do viver, do que fora herdado e do que poderia representar uma maneira de viver. Trata-se de uma felicidade desconhecida e ao mesmo tempo menosprezada e julgada por aqueles que são incapazes de praticar a alteridade e entender a relação de causa e efeito, bem como os motivos para ser e estar naquele contexto. Ainda que seja um criminoso, isso não o exime do sentir, do gostar, mesmo que tais sentimentos sejam sobrepostos por outros marcos de cognição: poder, controle e acesso. Da mesma forma que para personagem Ana, não lhe seja tirada a esperança de pertencer a uma realeza, de se sentir amada e querida no contexto periférico e violento do morro.

Assim, vemos um realismo que humaniza uma relação de amor entre Ana e Davenga que rompe ou procura desconstruir julgamentos do leitor que desconhece a triste realidade vivida nos morros, apesar de, em determinados momentos, dada pela tomada de consciência de Ana e o que ela representa naquele espaço, desperte no leitor o sentimento de pena, compaixão – aspectos destacados no conto que, além do tema de submissão da mulher negra, da objetivação do seu corpo, da violência presente naquele contexto e o fim trágico destinado a ela, evidencia a capacidade de amar e sentir-se bem, feliz e consciente da realidade pela qual se permitiu, consciente ou não, viver.

Desdeaquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes, não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. (EVARISTO, 2016, p.26)

No conto “Maria”, a descrição também nos remete a uma realidade conhecida: a das empregadas domésticas, da pobreza que acomete essa classe de trabalhadoras em sua maioria negra. Maria, a personagem desse conto, representa a maioria das empregadas domésticas que enxerga na relação com a patroa, uma forma de estabelecer um vínculo de amizade traduzida pela “boa ação” por parte das patroas em doar o resto de alimentos. A questão da doação se evidencia como um ato tão positivo que se ignora o que é doado: os restos de ossos, as frutas que sobraram etc. São restos. Tais restos vistos como alimentos que irão compor as refeições dos filhos dessa empregada, bem como o acesso a alimentos que nunca foram provados por eles. Essa imagem narrada por Evaristo traduz uma realidade construída e marcada por elementos de literalidade que tornam, como já evidenciado nessa sessão, o realismo de Evaristo, um realismo particular capaz de estabelecer a relação entre o individual e o coletivo, o objetivo e o subjetivo, a realidade e a ficção:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? (EVARISTO, 2016, p. 39)

No romance *Ponciá Vicêncio*, percebemos o realismo também atrelado às questões que se aproximam ao fantástico, pois a herança de andar com as mãos nas costas como seu avô que havia um braço cotoco no lugar da mão, agindo da mesma forma, sem tê-lo conhecido com profundidade, nos orienta a um destino já conhecido e que poderia ser repetido por Ponciá, dada também pela figura da personagem Nênga Kainda que agia como uma espécie de sábia e orientava os moradores da vida

acerca do futuro. O sofrimento de Ponciá na cidade também é narrado de forma realista e é possível, dentro de um processo de compaixão, entender a razão dos silêncios da personagem, decorrência de uma busca de si, não tão bem-sucedida.

Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria e com o coração a sobrar esperança. Ela mesmo havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis o que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Um sobras de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançoso de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para quê? (EVARISTO, p.70-71)

Vemos que assim como no conto Maria, a representação da empregada doméstica traz a condição de subalternidade travestida de doação por parte da patroa, o que por uma perspectiva decolonial, representa a manutenção das relações de poder perpetuada desde o período escravagista do Brasil Colônia.

Assim, temos um universo realista na obra de Conceição Evaristo que relaciona a literalidade, o real, a ficção e a crítica sobre esse real. A esses elementos atribuímos a escrevivência enquanto estratégia/método para elucidar sua marca de literalidade, bem como uma experiência sob a tutela de conceitos tão complexos como o *devir*. Essa realidade também é capaz de ressignificar sentimentos, revisitar a história colonial, romper estereótipos e principalmente despertar no leitor sentimentos variados, humanizando-o e orientando-o a uma percepção de mundo que reconhece os marcos de cognição social, a herança e um todo de novo re-contextualizado como marcas do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos nas narrativas de Conceição Evaristo, narrativas de memórias que compõem, na gama das representações, a distinção entre lugar, posição e espaço em que se situam suas personagens. Do exílio rural às condições de subalternidade e violência urbana, temos representações que nos garantem perceber identidades. Identidades essas que, pela perspectiva sociológica são preenchidas entre o “interior” e o “exterior” – como pontua Hall (2020), entre o mundo pessoal e o mundo público. Segundo o autor, isso ocorre porque projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, o que contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (HALL, 2020)

Desta feita, consideramos como resultado parcial que a memória resgata o passado escravagista que permeia a constituição do sujeito negro, e negra, nas personagens de Conceição Evaristo garantindo um tom real às vidas das personagens narradas em seus espaços periféricos. As dimensões que fecundam as temáticas vinculadas à subalternidade são expressas no interior da narrativa, como elementos do cotidiano, demonstrando, assim, a naturalização da violência dos corpos negros, sejam eles, na impossibilidade de pertencer a uma história desvinculada do nome de posse, seja pelos estereótipos atribuídos à condição de pobreza das personagens negras, seja pelo questionamento acerca da consciência sobre o seu lugar e suas representações em âmbito social, cultural, etc.

REFERÊNCIAS

- AUGOUSTINOS, M., Walker, I., & DONAGHUE, W. **Social cognition: An integrated introduction**. London: SAGE Publications, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean de. **Simulacros e Simulação**. Edição consultada: Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991
- CRUZ, Adélcio de Sousa. **Narrativas contemporâneas da violência**: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Férrez. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento**. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo> . Acesso em 02 dez. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **À procura de um novo realismo: teses sobre a realidade em texto e imagem hoje**. In. OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 76-90.
- ZOURABICHVILI, François. **Qu'est-ce qu'un devenir, pour Gilles Deleuze ? Conférence prononcée à Horlieu (Lyon) le 27 mars 1997**. Disponível em: <http://horlieu-editions.com/brochures/zourabichvili-qu-est-ce-qu-un-devenir-pour-gilles-deleuze.pdf> Acesso em 01 Dez. 2020.